



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Dida e Orlando

Com agudeza, Renato Russo dizia que a maioria dos forasteiros imaginava que os brasileiros trombavam com o presidente da República ou com as excelências parlamentares a cada passo. Mas, de fato, a Esplanada dos Ministérios e o conjunto de palácios era um outro mundo, fisicamente próximo, no entanto, tão distante quanto o castelo da ficção de Kafka.

E, realmente, poucos conhecem os segredos daquelas paragens de uma

outra Brasília. Nas últimas semanas, perdemos dois grandes fotojornalistas, que sabiam transitar pelos caminhos, os bastidores, os desvãos e os labirintos do poder: Dida Sampaio e Orlando Brito.

Acompanhei o início da carreira de Dida, na década de 1990. Da mesma maneira que muitos outros fotógrafos, ele veio do laboratório do jornal. Logo, se destacou pelo talento e pela audácia. Era um menino cearense baixinho e magrinho, mas concentrado, tenaz, inquieto e bravo.

Devia ter uns 20 anos, nesta época. Para ele, a pauta era uma missão a ser cumprida a qualquer preço. Subia em cima de um caminhão, convencendo os policiais, furava os bloqueios, mas sempre trazia ótimas fotos, que, muitas vezes,

provocavam a mudança completa da edição. A qualidade forçava a primazia para as imagens.

Nesta longa estrada da vida jornalística, nossos caminhos tomaram rumos diferentes e perdi Dida Sampaio de vista. De repente, li a notícia de sua morte. Olhei para a foto publicada no jornal e não reconheci, fisicamente, o menino arrojado que eu havia conhecido.

Mas, ao ler os depoimentos dos amigos, constatei que Dida nunca deixou de ser um menino afetuoso, simpático e destemido. Ele é um dos jornalistas que foram agredidos por fanáticos em uma manifestação de apoio ao presidente. Sempre estava presente no coração dos acontecimentos.

Luis Humberto foi um mestre e criou

uma tradição de fotojornalismo político brasileiro. Mas se as suas fotos sobre as cenas do poder da capital pareciam cartuns, tamanha a irreverência, as fotos de Orlando Brito se distinguem pelo caráter dramático e pela capacidade de captar imagens que sintetizam momentos cruciais da história brasileira.

Com instinto de repórter, ele pegava no ar e revelava o sentido, muitas vezes, oculto ou ocultado pelos personagens do poder. Ficava à espreita do átomo daquela fração de segundos em que tudo se desvelava. E, por isso, produziu imagens clássicas, sem as quais não é possível contar a história brasileira a partir da ditadura militar nas últimas décadas.

É o caso da foto da dança das cadeiras, em que João Figueiredo, Golbery

do Couto e Silva, Delfim Neto e Newton Cruz se preparam para uma reunião. Ou a que Ulysses Guimarães aparece sob o fundo da solidão espacial da Esplanada, com a silhueta do Congresso Nacional ao Fundo. Ou a que revela o desconforto entre Dilma e Temer em meio a um encontro protocolar. Orlando era muito brasileiro, chegou à cidade, com o pai, em 1957, viu Brasília nascer e crescer.

Nunca parou de fotografar. Durante a pandemia, circulava pela Esplanada, com a câmara na mão, registrando a solidão ou a presença de algum passante. Era crítico ao poder, mas elegante. Registrou e transcendeu o registro com um olhar estético e humanista. Dida e Orlando foram dois profissionais que dignificaram o jornalismo.

LUTO / "Cronista do poder", é dessa forma que o ministro das relações exteriores, Carlos França, se refere ao amigo, velado ontem. Enterro ocorreu no Cemitério Campo da Esperança da Asa Sul. Centenas de pessoas se despediram do fotógrafo

Último adeus a Orlando Brito

» LIANA SABO
» PEDRO IBARRA

"Estávamos no Nordeste, num hotel na orla da praia. Brito se tocou que às quatro da manhã já fazia sol. Foi para a sacada, viu Geisel com um calção de banho preto mergulhando na água e tirou várias fotos que, depois, ficaram muito famosas na época", lembra o jornalista José Fonseca, que dividiu com Orlando Brito a cobertura do Palácio do Planalto por 10 anos. Foi neste clima de saudade e de lembranças que familiares, amigos, colegas e figuras públicas se despediram do fotógrafo, que morreu na sexta-feira, aos 72 anos. Em diversos momentos, era possível ouvir gritos de "Viva Brito".

O velório de Orlando Brito, realizado na Capela 6 do Cemitério Campo da Esperança da Asa Sul, ontem, estava cercado de carinho e boas histórias. Memórias de coberturas jornalísticas pelo país, de fotos marcantes e de encontros inesquecíveis estavam presentes nas conversas das mais de 200 pessoas que compareceram ao local pela manhã, como o empresário Paulo Octávio e o ministro das Relações Exteriores, Carlos França.

Antes da procissão para o sepultamento, amigos homenagearam Orlando. "Querida dizer para você, meu amigo, que isso aqui não estava combinado", disse o jornalista Edevaldo Dias. "Ele era um fotógrafo e uma pessoa sensível, ele tinha um humanismo. Poderia ficar uma tarde, aqui, contando histórias nossas juntos", acrescentou. "Costumo dizer que vivi mais com ele do que com meu irmão", brincou Dias.

O amigo fez menção ao aclamado trabalho de Orlando Brito. "Ele era um herói que a gente tinha no dia a dia", comentou Edevaldo. "Tem um acervo fotográfico que é a história do Brasil", ressaltou o jornalista. "Ele vai continuar eternamente nos nossos corações", concluiu.

Foi pelo trabalho que o ministro das Relações Exteriores, Carlos França, conheceu Brito. "O Orlando me ensinou muito, desde quando, no início da carreira, fui trabalhar no cerimonial da Presidência

da República, em 1977", lembrou o chefe do Itamaraty. "Não estou aqui como ministro, venho como amigo", destacou.

"O Orlando retratou o poder com grande maestria. Ele nunca se deixou fascinar nem se deslumbrar. Pelo contrário, ele retratava o que o poder tem de efêmero e o símbolo que é o poder", analisa França. O ministro levou uma bandeira do Brasil e um livro de autoria do fotógrafo para prestar homenagem. "Ele tinha um respeito imenso pelo Estado brasileiro, pela nação e pela pátria. Isso era nítido, era a linha condutora de todo o trabalho que ele fez", explica o ministro. "Nós perdemos um grande cronista do poder com a ida prematura do nosso querido Orlando Brito", lamenta.

"O Orlando Brito era um amigo do meu pai, mas meu amigo também, que perda imensa", afirma Sandra Gonczarowska, filha do fotógrafo Jankiel Gonczarowska. "Brito falava que papai tinha ensinado tudo a ele. Chamava meu pai de 'meu mestre'", revela Sandra. De aprendiz a mestre, Orlando Brito se foi deixando um extenso acervo próprio e em diversos veículos jornalísticos.

Uma lenda

Nascido em 8 de fevereiro de 1950 em Janaúba (MG), Orlando Brito veio com a família para Brasília na época da inauguração da cidade. Na capital, ficou e trabalhou até o fim da vida. A relação com o jornalismo começou cedo, com 16 anos, quando começou no jornal *Última Hora*, primeiramente servindo café. Logo, pegou uma câmera e se apaixonou. Foi se desenvolvendo na profissão e se especializou na cobertura política, na qual será lembrado como um dos mais importantes nomes da área.

Em uma trajetória longa de trabalho, passou quase 15 anos no jornal *O Globo*, teve curtas passagens pela *Caras* e *Jornal do Brasil*. Ele participou de equipes que faziam cobertura do Palácio do Planalto durante o regime militar. Porém foi na *Veja* que teve a maior relevância, ao assinar 113 capas. Atuou como editor e como repórter fotográfico na publicação.

Ed Alves/CB/D.A Press



Uma multidão, entre familiares, amigos, colegas de trabalho e admiradores estiveram no sepultamento. Orlando morreu aos 72 anos

Wagner Pires/Divulgação



Orlando Brito, em frente ao Palácio da Alvorada

Amizade, profissionalismo e saudade

Material cedido ao Correio



CLÁUDIA CARNEIRO, ESPECIAL PARA O CORREIO

Liana Sabo comemora, este mês, 54 anos de jornalismo (creio que, desde sempre, no **Correio Braziliense**). Despediu-se do amigo, em meio à multidão de colegas, admiradores e familiares de Orlando Brito. Ela permaneceu ali, derradeira, para cumprir o ofício inesgotável. Liana não deixou o jornal na mão. Teclou no celular o capítulo final de um dia triste, chorado por todos. Liana, mulher brasileira, jornalista.

Obituario

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 12 de março de 2022

» Campo da Esperança

Carlos Andrés Coca Santivanez, 67 anos
Florinde José dos Anjos, 76 anos
Joaquim Tomaz de Aquino, 98 anos
Júlia Almeida Sousa, menos de 1 ano
Jurandy Itabaiana Veiga, 80 anos
Orlando Péricles Brito de Oliveira, 72 anos
Raquel Santana Marques, 92 anos

Sinhreza de Lacerda Santos, 90 anos

» Taguatinga

Aline Tavares Barboza, 25 anos
Elenice Oliveira de Souza, 48 anos
Eliane Sousa do Nascimento, 48 anos
Francisco Xavier da Silva, 58 anos
Genivaldo Alves da Silva, 67 anos
Heitor Miguel Rodrigues de Oliveira, 3 anos

Ieda de Alencar Cambuy, 70 anos
José Caetano Alves, 63 anos
Maria Rodrigues da Silva Medeiros, 62 anos
Marivaldo Alves Pereira, 45 anos
Ingrid Angélica Aires Barbosa, menos de 1 ano
Percília Nunes de Moraes, 81 anos

» Gama

Antônio Orlando Vieira de Araújo, 73 anos

Jerônimo Ribeiro de Oliveira, 104 anos
José Inácio de Oliveira Campos, 74 anos
Wellington Nascimento Silva, 49 anos

» Planaltina

Antônia Fernandes de Macedo, 89 anos
Charles Barbosa da Silva, 41 anos
Efigênia Ferreira de Souza, 77 anos
Enrique Almeida Knoll, 18 anos

Laudelina Alves de Sousa, 63 anos
Margareth Pires Cardoso, 56 anos

» Sobradinho

Gleison Silva, 35 anos
José Maria Fernandes de Lima, 73 anos
Reginaldo dos Santos Nunes, 50 anos

» Jardim Metropolitano

Francisco Lopes Lima, 55 anos

Rogério Antônio da Costa, 64 anos
Maria Inês Joo Ross Morey, 68 anos (cremação)
Geraldo Guedes Metzker, 83 anos (cremação)
Raimundo José de Oliveira, 80 anos (cremação)
José Ailton Alves Louly, 76 anos (cremação)
Heloíse de Souza Sales, 3 anos (cremação)
José Eustáquio de Oliveira, 76 anos (cremação)